

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Revista Espiritual de Umbanda: um olhar sobre a produção de representações acerca da religião umbandista

André de Oliveira Pinheiro *

Resumo: o propósito deste texto é apresentar uma pesquisa sobre a Revista Espiritual de Umbanda. Ao analisar a publicação, a intenção é investigar as diferentes representações – segundo Roger Chartier – da Umbanda (podemos dizer *Umbandas*) produzidas pelos conteúdos publicados na revista. O papel desempenhado pela publicação, enquanto local onde acontecem os diálogos e as lutas entre estas diferentes representações, pode ser compreendido pelo uso do conceito de campo religioso, de Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Representações – Religião – Umbanda

Abstract: the purpose of this text is to introduce a research about “Revista Espiritual de Umbanda” (Umbanda Spiritual Magazine). Analysing the publication, the intention is to investigate the different representatios – according to Roger Chartier – of the Umbanda (we can say *Umbandas*) produced by the contents of the magazine. The part played by the publication, as the place where the dialogues and contests among these different representatios happen, can be understood by using the concept of religious field, by Pierre Bourdieu.

Keywords: Representatios – Religion – Umbanda

Atualmente na sua 14ª edição, a Revista Espiritual de Umbanda é uma publicação que começou a circular em 2003. Publicada pela Editora Escala, de São Paulo (SP), a revista possui periodicidade esporádica e tem como editor responsável Marques Rebelo.

São, em média, pouco mais de sessenta páginas por edição. Nelas, pode ser encontrada uma grande diversidade de conteúdos, que inclui textos opinativos, reportagens, preces, resenhas de livros e CDs e anúncios publicitários. Todas essas informações são fartamente ilustradas com um vasto material fotográfico, retratando festas e cerimônias de Umbanda, pessoas que seriam médiuns incorporados com entidades, imagens de santos, terreiros e líderes umbandistas.

Diferentemente do Espiritismo codificado em 1857 na França por Allan Kardec, a Umbanda, assim como o Candomblé e outras religiões afro-brasileiras, não tem na literatura um dos pontos fortes para a sua divulgação ou transmissão de conhecimentos entre seus

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

adeptos. Justamente por ser a Umbanda uma religião que prima pela oralidade no aprendizado e na formação dos seus iniciados e também na conquista de novos adeptos, merece a atenção e deve ser motivo de estudos a publicação de uma revista de circulação nacional dedicada a este segmento religioso.

Como acontece com toda publicação, a Revista Espiritual de Umbanda possui uma linha editorial. Resultado do trabalho – e também da formação, opiniões e propósitos – de seus editores e colaboradores, a linha editorial se faz presente no conteúdo dos textos e na escolha e tratamento das imagens publicadas. O resultado final desta produção, que chega aos leitores pelas páginas de revistas e jornais, na maior parte das vezes realiza, ainda que nas entrelinhas, a defesa de um posicionamento em relação a determinado tema ou mesmo de um projeto político para determinado grupo.

Na visão do historiador Roger Chartier, as estruturas do mundo social não são um dado objetivo. Nas suas próprias palavras, “todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras”. Partindo dessa idéia, podemos considerar a linha editorial da Revista Espiritual de Umbanda – assim como a de uma série de outras publicações – como uma dessas “práticas articuladas” responsáveis, de acordo com Chartier, pela construção de sentido ou *representações*.

O conceito de representação do historiador francês pode ser utilizado para analisar de que forma as estruturas sociais são incorporadas por um determinado grupo e também as formas que esse grupo usa para construir sua identidade. No texto “O Mundo como Representação”, Roger Chartier afirma que a noção de representação autoriza a articulação de três modalidades de relação com o mundo social. A primeira delas seria o trabalho de classificação e recorte que produz configurações múltiplas, a partir das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade. A segunda compreende as práticas que pretendem fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de ser no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. Por fim, a terceira modalidade de relação com o mundo social trata das formas institucionalizadas e objetivas, em virtude das quais “representantes” – instâncias coletivas ou mesmo indivíduos singulares – marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, comunidade ou classe.

Tomando como base, portanto, o conceito formulado por Chartier, é possível analisar a Revista Espiritual de Umbanda como produtora de representações desta própria religião. Essa análise pode ser construída a partir das modalidades de relação com o mundo social descritas pelo autor – a publicação como instrumento de um dos diferentes grupos que,

contraditoriamente, ao lado de outros inseridos num mesmo contexto, constroem a realidade para um determinado segmento, no caso, o umbandista.

No mesmo artigo, o autor prossegue, referindo-se a uma “dupla via”, que se abre a partir da idéia de representação. De um lado, estaria a construção da identidade social como produto de uma relação de forças entre as representações impostas por aqueles que possuem o poder de classificar ou nomear e a definição de aceitação ou resistência, que cada comunidade produz de si mesma. Na outra direção, estaria o recorte social como tradução do crédito conferido à representação que cada coletividade faz de si mesma, com a capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir da demonstração de unidade.

É possível pensar, portanto, a Revista Espiritual de Umbanda – ou melhor, sua equipe editorial e aqueles cujo pensamento é por ela representado –, como um dos grupos empenhados nessa relação de forças visando a construção de uma identidade social para os umbandistas. A análise da publicação e também da sua relação com outros grupos permitirá ainda perceber o seu nível de interferência na forma como a própria Umbanda se reconhece, a representação que, hegemonicamente, o segmento umbandista produz para si mesmo.

Dessa forma, a pesquisa que propomos deverá utilizar a Revista Espiritual de Umbanda para abordar, no contexto umbandista, as lutas de representação, que, ainda segundo Chartier, dizem respeito ao ordenamento, à hierarquização da própria estrutura social.

Como todo combate, estas lutas de representação se desenrolam em um determinado espaço. Para conceituar a “arena” em que os responsáveis pelas diferentes representações medem suas forças em busca do discurso hegemônico, recorreremos a Pierre Bourdieu e o seu conceito de campo religioso.

Na visão de Bourdieu, o campo é o palco do conflito. Domínio da disputa, do embate. É nesse espaço, que não pode ser definido como bom ou ruim, mas apenas inerente ao jogo – no caso, às lutas de representação – que os diferentes grupos ou indivíduos lutam pela afirmação de uma produção e a descaracterização, desqualificação de outra.

Em se tratando de uma religião¹, como a Umbanda, podemos definir o espaço onde acontecem as lutas de representação como campo religioso. Nesta disputa, estará em jogo a apropriação do capital religioso. Este capital simbólico, que significa a legitimação de

¹ As reflexões sobre *religião* terão como suporte teórico Peter Berger e Dominique Julia, respectivamente, nos textos BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985 e JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (org.). História: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

determinado pensamento, identidade ou discurso, deve ser reconhecido pelos grupos que o reivindicam. Deve haver um consenso em torno da sua valorização.

O embate é, portanto, marcado pela assimetria de acumulação do capital religioso. O objetivo de cada um dos grupos envolvidos é acumular e impedir que seus oponentes acumulem mais capital – que corresponde ao reconhecimento, à legitimação – na luta pelo controle, pela dominação.

As representações produzidas pela Revista Espiritual de Umbanda sobre a própria religião vêm somar-se, neste campo religioso, a outras, produzidas por outros autores umbandistas, com as quais acontece a luta de representações. Algumas obras de escritores umbandistas são importantes para conhecer e identificar algumas destas representações, que definem, de acordo com a visão dos seus autores, elementos como práticas religiosas recomendadas ou consideradas como inadequadas; formas de organização do culto; explicações sobre os espíritos ou orixás que compõem a religião e, particularmente, a definição de um mito fundador para a religião, aspecto que está diretamente relacionado à sua vinculação ou afastamento com a origem africana.

Entre essas obras, podemos citar *Umbanda e Quimbanda* (1942), de Lourenço Braga, resultado de tese defendida no 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 1941. Neste trabalho, o autor defende a divisão do Espiritismo em três partes, que seriam a Lei de Kardec (Espiritismo doutrinário, filosófico e científico), a Lei de Umbanda (Espiritismo – Magia Branca) e a Lei de Quimbanda (Espiritismo – Magia Negra).

Em livros como *Doutrina Secreta da Umbanda* (1985), o escritor umbandista W. W. da Matta e Silva defende o que chama de “Umbanda Esotérica”. De acordo com o autor, a religião umbandista teria sua origem bem antes do seu surgimento no Brasil. Essa origem, conforme o seu ponto de vista, estaria vinculada no mundo espiritual à “Corrente Astral de Umbanda” e teria sido implantada na Terra há milhares de anos, a partir de conhecimentos mágicos e iniciáticos de civilizações já extintas.

A denominação “Umbanda Esotérica” aparece também na obra *Umbanda, Essa Desconhecida...* (1986), de Roger Feraudy. Embora de forma diferente de Matta e Silva, Feraudy também atribui à Umbanda uma origem que remonta a antigas civilizações. Segundo Feraudy, o culto implantado no Brasil como “Umbanda Branca” teria sua origem derivada de rituais milenares praticados pelos magos da extinta Atlântida.

O surgimento da Umbanda em 1908, no Rio de Janeiro, a partir da manifestação da entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas pela mediunidade de Zélio Fernandino de

Moraes, é defendido por Jota Alves Oliveira, em *Umbanda Cristã e Brasileira* (1985). Já Tancredo da Silva Pinto, em livros como *Umbanda: Guia e Ritual Para Organização de Terreiros* (1972) – escrito com Byron Torres de Freitas – contesta o mito fundador da Umbanda que tem como protagonistas o espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas e o médium Zélio Fernandino de Moraes. De acordo com Pinto, a Umbanda teria sua origem na tribo Lundas-Quioco, situada ao sul de Angola. Nas suas palavras, os fundamentos da religião teriam sido deturpados, devorados e cobiçados por “uma avalanche de mentores e aventureiros de todas as camadas sociais e que dizem ser a Umbanda uma religião nacional”.

As teorias de W. W. Matta e Silva e o pensamento de Tancredo da Silva aparecem como referências importantes na obra de Caio de Omulu. Em *Umbanda Omolocô* (2002), o autor apresenta este ritual – com explicações sobre seus rituais e principais espíritos ou orixás – e procura contextualizar o seu papel no movimento umbandista.

Além do que foi escrito pelos próprios umbandistas, não será possível, evidentemente, realizar a pesquisa sem tomar conhecimento e consultar trabalhos que já foram produzidos tendo a Umbanda como objeto. Serão referências inevitáveis e extremamente úteis, cujo uso é extremamente oportuno.

Renato Ortiz, em *A Morte Branca do Feiticeiro Negro* (1978), analisa a formação da Umbanda, relacionando este processo à própria sociedade brasileira. O autor detecta os movimentos de embranquecimento e empretecimento e mostra ainda como, inicialmente perseguida pelas autoridades e pela Igreja, a Umbanda obteve inserção no mercado religioso brasileiro e passou a ser considerada uma “religião nacional”.

Já Patrícia Birman publicou *O que é Umbanda* pela coleção *Primeiros Passos*, em 1985. O livro retrata a religião de forma rápida, tratando de aspectos como a “possessão” ou mediunidade; o simbolismo, com os espíritos (guias e orixás) e rituais; formas de organização do culto; a caridade e a “demanda” (conflitos envolvendo pessoas e orixás); sincretismo e as relações da Umbanda com a sociedade brasileira.

Um pouco mais recente, *Entre a Cruz e a Encruzilhada* (1996), de Lísias Nogueira Negrão, utiliza a noção de campo e mostra o estabelecimento da religião em São Paulo. Com descrições de terreiros, rituais e também dos principais guias e orixás, o autor apresenta a Umbanda como uma religião ainda em formação e mostra o conflito entre as experiências vividas nas casas de culto e a tentativa de normatização das federações umbandistas.

Cristiana Tramonte, no livro *Com a Bandeira de Oxalá* (2001), desenha a trajetória das religiões afro-brasileiras, com destaque para a Umbanda, em Florianópolis,

desde o seu aparecimento até o final do século XX. A autora apresenta algumas personagens célebres do meio umbandista local e procura também explicar as visões de mundo e práticas não só da Umbanda, mas também de outros cultos, como Candomblé e Almas e Angola. As relações entre o campo religioso afro-brasileiro de Florianópolis e outros segmentos da sociedade em geral – como as autoridades políticas, a polícia e a imprensa – também são tratados neste trabalho.

No texto *Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro*, publicado na coletânea *Caminhos da Alma* (2002), Emerson Giumbelli problematiza a suposta origem da Umbanda a partir do Caboclo das Sete Encruzilhadas e de Zélio Fernandino de Moraes, a partir de evidências que levam a questionar a sua condição de “pioneiro” desta religião. Giumbelli propõe novas perspectivas para a história da Umbanda, incluindo o diálogo com estudos afro-brasileiros e também maior ênfase ao papel do Espiritismo codificado por Allan Kardec na formação da Umbanda.

A imprensa umbandista em Santa Catarina, mais especificamente em Florianópolis, foi objeto de estudo de Graziéle Vilvert, em *José Telles e as “Demandas” na Umbanda em Florianópolis na Década de 1970*, Trabalho de Conclusão de Curso de História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ao pesquisar o periódico *Eco Umbandista*, a historiadora retratou a trajetória e a atuação de uma das mais expressivas lideranças da Umbanda no Estado na década de 1970, José Telles, além de suas relações dentro do próprio campo umbandista e com segmentos externos da sociedade.

Listamos, nos parágrafos anteriores, apenas alguns entre tantos estudos já realizados a respeito da Umbanda e das religiões afro-brasileiras. Nos trabalhos acima relacionados, destacamos alguns fatores, como a diversidade e a atualidade; a abrangência tanto local quanto nacional destas pesquisas; na parte teórica, o uso do conceito de campo; a utilização da imprensa umbandista para a realização dos estudos históricos.

Por estarem presentes – ainda que estruturados de outra forma e com objetivos diferentes – na proposta de trabalho que apresentamos, estes fatores apenas confirmam ser pertinente e oportuno o estudo que propomos.

Referências Bibliográficas:

- BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRAGA, Lourenço. *Umbanda e Quimbanda*. Rio de Janeiro: Edições Spiker, 1942.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos Avançados – vol. 5, nº 11*. São Paulo: IEA/USP, 1991.

FERAUDY, Roger. *Umbanda, Essa Desconhecida... – Umbanda Esotérica e Cerimonial*. Porto Alegre: Fundação Educacional e Editorial Universalista, 1986.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (organizador). *Caminhos da Alma*. São Paulo: Summus, 2002.

MATTA E SILVA, W. W. da. *Doutrina Secreta da Umbanda*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1985.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista de São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Jota Alves. *Umbanda Cristã Brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

OMULU, Caio de. *Umbanda Omolocô: Liturgia, Rito e Convergência (na Visão de um Adepto)*. São Paulo: Ícone Editora, 2002.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro*. Petrópolis: Vozes, 1978.

PINTO, Tancredo da Silva e FREITAS, Byron Torres de. *Umbanda: Guia e Ritual para Organização de Terreiros*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1972.

TRAMONTE, Cristiana. *Com a Bandeira de Oxalá: Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis*. Florianópolis: Editora da Univali / Editora Lunardelli, 2001.

VILVERT, Graziéle. José Telles e as “Demandas” na Umbanda em Florianópolis na Década de 1970. Trabalho de Conclusão do Curso de História. Florianópolis: UFSC, 2006.